

**DISCURSO, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE EM O CANDIDATO DOS
POBRES¹**

Welisson Marques²

*A mente que se abre a uma nova idéia
jamais volta aos limites do seu tamanho
original... ela cresce.*

Albert Einstein

RESUMO

Propomos por meio deste artigo refletir, *a priori*, acerca da noção de identidade advinda dos estudos sociológicos, seguindo as reflexões de Hall (2006), Bauman (2005), Silva (2007) e Woodward (2007), como também de subjetividade a partir dos estudos de Foucault (1984; 1992; 1994; 1997 2007), e pensar a pertinência destes conceitos como complementares e que coadunam com a noção de sujeito segundo a perspectiva discursiva. Apresentaremos também uma breve reflexão sobre a noção de poder em Foucault, cuja proficuidade se dá na Análise do Discurso uma vez que o poder é constitutivo dos discursos do sujeito-enunciador. Por fim, pautados nos conceitos aqui bosquejados, empreenderemos uma breve análise de um artigo intitulado *O Candidato dos Pobres* publicado pela revista *Veja* e que faz referência ao presidente Lula no contexto do escândalo do mensalão. Destarte, percebemos por meio dos recortes analisados que o sujeito enunciador se utiliza de diversas estratégias como forma de conspurcação de seu referente - o presidente Lula.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Subjetividade. Revista *Veja*.

1. À GUIA DE INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é refletir fundamentalmente sobre os conceitos de identidade e subjetividade e demonstrar suas relações com a noção de sujeito segundo a linha francesa de Análise do Discurso (AD), sujeito que, nessa perspectiva, não é empírico, uno, singular, mas fragmentado e plural, sendo atravessado por diversos discursos, portanto heterogêneo, sendo o mesmo, de acordo com Foucault (2005a), um lugar que ocupa uma posição ou posições, e seus discursos revelam essas posições e, conseqüentemente, como o mesmo se constitui.

Desse modo, como nossa pesquisa³ propõe realizar a análise da constituição do sujeito segundo a perspectiva da AD, ser-nos-á relevante compreender as noções de identidade, assim como postuladas pelos estudos culturais da atualidade, seguindo as idéias de Hall (2006), Bauman (2005), Silva (2007) e Woodward (2007), como também de subjetividade a partir dos estudos de Foucault (1984; 1992; 1994; 1997 2007), estudos estes que corroboram para compreendermos a noção de sujeito discursivo, como afirmamos acima, conceito essencial para o nosso trabalho.

Por fim, realizaremos uma breve análise de alguns recortes enunciativos, imbricada aos postulados teóricos aqui bosquejados, do artigo intitulado “*O candidato dos pobres - Lula volta a subir nas pesquisas mas fica dependente do eleitor mais humilde do país – e num grau jamais visto na história*”, publicado na Revista Veja – edição número 1943 de 15 de fevereiro de 2006.

2. IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

Nos estudos sociológicos, a identidade não é mais tida como fixa, coerente e estável, mas fragmentada e multifacetada. Hall (2006) demonstra que há atualmente uma “crise de identidade”, resultado das mudanças na sociedade moderna e que existem três concepções de identidade. A primeira é a do sujeito do Iluminismo em que o indivíduo era totalmente centrado, dotado de razão, sendo o “centro” de suas decisões e dos seus discursos, um sujeito capaz de

escolha e possuidor de uma internalidade reguladora face ao que lhe é exterior. Era um indivíduo imutável no sentido de que possuía uma identidade fixa e permanente ao longo de sua existência.

Uma outra concepção é a do sujeito sociológico cuja identidade é o resultado do “eu real”, de um núcleo subjetivo clivado na interação com o mundo exterior. Aqui o sujeito se constitui a partir do preenchimento de espaços de um mundo interior e um mundo exterior imaginários.

Todavia, devido às mudanças estruturais e institucionais “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (2006, p. 12). Dessa maneira, o sujeito que antes tinha uma identidade única ou “individualizada” agora é fragmentado, composto de inúmeras identidades. Nasce, portanto, o sujeito pós-moderno.

Isto posto, verificamos a relação desse último, do sujeito pós-moderno, com a do sujeito na Análise do Discurso que, como lembra Fernandes (2007a, p. 35-36), se refere a “um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórico-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais. Compreendê-lo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz.” e que “o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem”.

Essa mudança de paradigma na identidade do sujeito está ligada à ruptura no campo sociológico: a sociedade não é mais vista como um todo unificado e bem delimitado, nem possui um ponto referencial como núcleo, “as sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador, único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’” (HALL, 2006, p. 16).

Dessa maneira, o descentramento do sujeito cartesiano não se deu de imediato, mas a partir de *deslocamentos* de um núcleo de poder para vários outros, pois a sociedade não é mais regulada por um centro único e homogêneo, como assinalado anteriormente, mas por vários órgãos e instituições e isso faz com que esse sujeito pos-modernista inserido em conjunturas sociais de diversas naturezas (educacionais, trabalhistas, religiosas, etc.), sendo participante de inúmeras atividades no seio da sociedade seja constituído por identidades

fragmentadas. Há, portanto, uma ruptura com o paradigma de sociedade unificada e bem delimitada, por conseguinte, como existem diversos núcleos de poder operando a todo instante, isso resulta na fragmentação das identidades dos indivíduos.

Bauman (2005) afirma que em uma época líquido-moderna as identidades apresentam múltiplas facetas, são transitórias e instáveis. Há identidades que são expostas e outras que são escondidas “sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder, ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (BAUMAN, p. 19). Em outros termos, a despeito de haver opacidade de certos traços identitários, eles coexistem e são identificáveis. “Algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas; por exemplo, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero” (WOODWARD, 2007). A identidade pode ser comparada a um quebra-cabeça, fragmentada por possuir várias peças com a exceção de que não se sabe antecipadamente o que será formado ao final. “*Ajustar* pedaços – infinitamente – sim, não há outra coisa que se possa fazer. Mas *conseguir* ajustá-los, encontrar o *melhor* ajuste que possa pôr um fim ao jogo do ajustamento? Não obrigado, é melhor viver sem isso” reitera Bauman (2005, p. 60-61, grifos do autor).

Em outros termos, Bauman está demonstrando que a identidade é complexa, heterogênea e plural. Em uma perspectiva discursiva, o sujeito apresenta as mesmas peculiaridades e se constitui na relação com o exterior conforme assinalado anteriormente, na interação com o outro. “O sujeito não é um ponto, uma entidade homogênea, *mas o resultado de uma estrutura complexa*” (CLÉMENT apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 65, grifo do autor).

A identidade reivindica qualidades, mas não somente, ela também é *relacional* demonstra Hall (2006) ao escrever como a identidade do outro é afirmada tomando a si próprio como referência. A identidade masculina, exemplo dado por ele, é afirmada quando os homens constroem posições-de-sujeito para a identidade feminina, mas tomando a si próprios como ponto referencial. Sendo assim, o sujeito reivindica, traz pra si, para sua identidade o que é positivo, como por exemplo ser pertencente a uma elite, à classe alta, a um grupo que deve comandar e ditar as normas. A identidade também é assinalada na relação com o

outro, com o qual ele se (des)identifica, aceitando-o ou excluindo-o (por exemplo, ligado à classe baixa, atrasada, não-escolarizada, manipulável). Acreditamos que a identidade do sujeito enunciador revista *Veja* é afirmada e reforçada quando o mesmo constrói uma posição para a identidade petista.

Percebe-se também como elementos *culturais* são tomados do passado e não apenas estabelecem como reforçam a identidade no presente. Por exemplo, em uma visita ao Iraque em 15 de dezembro de 2008 o presidente norte-americano George Bush foi quase alvejado por um par de sapatos jogado por Al Zaide, um jornalista iraquiano e, em seguida, chamado de “cachorro”. Para nós, brasileiros, seria uma atitude agressiva por parte de um radical islâmico. Todavia, adentrado a cultura daquele povo descobrimos que os sapatos representam impureza; as solas dos sapatos retêm muita sujeira e várias doenças adentram nosso corpo por meio dos nossos pés. Assim, todo muçumano ao entrar em uma mesquita deve tirar os sapatos como símbolo de purificação. Atirar os sapatos em alguém é uma das *maiores ofensas* que se pode imaginar nessa cultura além do que Bush foi também chamado de “cachorro”, que é considerado um animal impuro na cultura islâmica. Sendo assim, esses elementos (que fazem parte do legado daquele povo) e que aparecem em tais condições de produção, inseridos em uma cultura específica, são operadores na compreensão dos discursos.

A identidade também é assinalada pela diferença (SILVA, 2007). Identidade e diferença partem de uma concepção estruturalista, mais especificamente da teoria do valor saussuriano para demonstrar que uma unidade tem seu valor nas relações e oposições com os demais elementos do sistema. Deslocado para o campo sociológico, a identidade é marcada na sua relação de oposição com o outro.

O exemplo da identidade e da diferença cultural, a declaração de identidade “sou brasileiro”, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – “não sou italiano”, “não sou chinês” etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outriedade (ou da diferença) (SILVA, 2007, p. 79).

Destarte, o sujeito em análise, inscrito em dado lugar sócio-histórico revela-se em oposição a outros. Percebe-se também como elementos históricos (do passado) não apenas estabelecem como reforçam a identidade no presente construindo nesse processo novas identidades passíveis de crise e conflitos.

Como ressaltamos, percebe-se que as mudanças sociais são constitutivas da fragmentação de identidades do sujeito, que são antagônicas e produzem diferentes “posições de sujeito” – ou seja, identidades para os indivíduos (HALL, p. 17). Consoante com Foucault (2005a) o sujeito é uma função determinada

mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. (2005a, p.107)

Por outro lado, verifica-se que o deslocamento de concepções de sujeito iluminista até chegar ao pós-moderno não ocorreu de imediato, mas se deu em um longo processo histórico e podemos citar três grandes pensadores que contribuíram para que essa ruptura ocorresse: Marx, Freud e Saussure. Ademais, a releitura freudiana nas reflexões lacanianas “corroboram a compreensão do sujeito como descentrado considerando que *sempre sob as palavras “outras palavras” são ditas*. O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito” lembra-nos Fernandes (2007a, p. 40, grifo do autor). Posteriormente, Foucault aparece e anuncia a “morte” do sujeito, como nos lembra Prado Filho (2005, p. 42):

Eu diria que Michel Foucault ficou, talvez, celebrizado pelo episódio da morte do sujeito, que é muitas vezes mal compreendido e mal interpretado. Não é porque Michel Foucault coloca a morte do sujeito como categoria do conhecimento, não é porque ele mostra a fragilidade e falência desta figura central da filosofia moderna, que ele nega a existência dos sujeitos, ou deixa de tratar desta problemática, muito pelo contrário! [...] ele se ocupa das nossas formas contemporâneas de existência [...] Agora, sujeito como centro do pensamento, como ponto de partida, como categoria *a priori* e transcendental do conhecimento, este é uma produção histórica do discurso, uma ilusão, um auto-elogio humano, demasiado moderno... Esta é a crítica, a recusa de Michel Foucault à centralidade e primazia desta figura na relação do conhecimento – não exatamente, negação do sujeito.

Pensar a identidade do ponto de vista linguístico, mais especificamente em uma concepção foucaultiana, é pensá-la como efeitos de sentidos que são produzidos pela linguagem na e pela história. Portanto, o indivíduo se constitui

sujeito discursivo por meio de complexas e diversas práticas que são diferentes em cada momento da história. “A subjetividade, para Foucault, diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de ‘verdade’. Esses processos de subjetivação são diferentes e diversos nas diferentes épocas” explica Gregolin (2007, p. 12).

As técnicas de si são divididas em quatro grandes grupos, quer sejam técnicas de produção, de sistemas de signos, de poder e as técnicas de si propriamente ditas. Foucault volta-se mais para as duas últimas, as técnicas de poder e as técnicas de si que envolvem a determinação de condutas que domina ou submete as pessoas a certos procedimentos, como também àquelas operações efetuadas pelos próprios indivíduos ou com a ajuda de outros sobre seus corpos, seus pensamentos, suas atitudes e seus modos de ser. Foucault faz um percurso histórico remontando à filosofia greco-romana como também ao desenvolvimento do espiritualismo cristão nos mosteiros nos primeiros séculos. Ele demonstra, por exemplo, que desde o período socrático que se utilizavam da escrita como um exercício de si com o intuito de cuidar de si e que ela era utilizada como ferramenta para se chegar ao auto-conhecimento. A escrita aparece como uma prática que conduz o indivíduo à auto-reflexão, por meio da carta ou dos diários, e que leva o sujeito a se conhecer, “escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. (FOUCAULT, 1992).

Ele também demonstra em seus estudos que a escuta e a prática do silêncio na cultura pitagórica era um exercício que levava o indivíduo a desenvolver-se em conhecimentos e reflexão. Todavia, falar em processos de subjetivação para chegar à compreensão objetiva do sujeito é algo sobejamente complexo e, em suma, suas reflexões demonstram diversas técnicas por meio das quais os sujeitos subjetivam-se como também são objetivados em diferentes épocas.

3. A NOÇÃO DE MICRO-PODERES

A noção de poder em Foucault não nasce a partir de um empreendimento pessoal para defini-lo e trabalhá-lo, pelo contrário, ele afirma que sua busca sempre foi estudar o homem, mas que seria necessário “estender as dimensões

de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito” (FOUCAULT, 1984, p. 232). Desse modo, o poder irrompe em seus estudos como um elemento complementar, porém necessário, que precisava ser teorizado.

Ele sempre se voltou, em todos os seus escritos, para a objetivação do sujeito e seus trabalhos podem ser divididos em três momentos (cf. GREGOLIN, 2004). Um primeiro em que ele propõe o método arqueológico voltando-se para os saberes e como eles são produzidos na (des)continuidade histórica embasando-se em conceitos advindos da nova história; O segundo momento denominado genealógico em que Foucault articula o poder com o saber. No *Microfísica* ele coloca a questão do poder não como unilateral, mas presente em todos os campos, enraizado em todos os setores sociais.

O poder para ele é heterogêneo, não está relacionado apenas em mandar-obedecer, mas pulverizado em todos os segmentos sociais, é “uma maquinaria de que ninguém é titular” (FOUCAULT, 2008, p. 219); E o último momento em que ele investigou as práticas de subjetivação por meio das técnicas e do governo de si demonstrando como o processo de construção identitária é histórico e se dá nas relações do sujeito com o mundo, com as coisas, com os outros e consigo próprio. Queremos reiterar que, conquanto haja essa divisão temática, o segundo e terceiro momentos foucaultianos entrecruzam-se temporalmente.

Como ele lembra, o exercício de poder não se limita apenas àqueles operados pelas instituições, leis ou ideologias, em outras palavras pelos Aparelhos Ideológicos ou Repressores do Estado como propõe Althusser (2001), mas é “um modo de ação de uns sobre outros”, ou seja, “só há poder exercido por ‘uns’ sobre os ‘outros’” (FOUCAULT, 1984, p. 242).

Ele afirma que tal exercício é “uma maneira para alguns de estruturar o campo de ação possível dos outros” (1984, p. 245). O poder instaurado na sociedade por meio dos micro-poderes atua em todos os lugares e a todo instante. Alguns pontos são necessários para a análise das relações de poder, entre eles há certas modalidades instrumentais em que o poder se exerce pela ameaça, por exemplo, dos “efeitos da palavra” ou por “mecanismos mais ou menos complexos de controle” (1984, p. 246) que acreditamos que, nessa pesquisa, revelar-se-á nos efeitos de negação ligados a toda proposta petista de melhoria econômico-social como também em uma forma de “controle” e

“vigilância” operados pelo sujeito enunciador, assumindo a posição-sujeito de detentor da verdade e da realidade.

No que tange às *relações* de poder, Foucault define a palavra estratégia dentro desta concepção como a escolha dos meios empregados para se chegar a um fim, a um *objetivo*. É, em suma, “a maneira pela qual tentamos ter uma *vantagem sobre o outro* [...] um dos meios destinados a obter a *vitória*” (1984, p. 247, grifo nosso). Vale dizer que em busca de manter uma determinada condição social, pois segundo Bourdieu “a atividade jornalística não tem mais muita coisa de crítica e *contribui muito para reforçar as forças mais conservadoras da economia e da política*” (2000 *apud* LONARDONI, 2006, p. 113. Grifo nosso) o sujeito enunciador, a partir da análise dos recortes presentes no *corpus* deste trabalho, revela-se portador de uma *estratégia* cujo *objetivo* é a negação das ações tomadas pelo partido em questão com o fim de obter uma *vitória* (a não recandidatura do presidente Lula que é filiado a um partido esquerdista).

Foucault (2007) também afirma que há inúmeras técnicas de poder e cita como exemplo a vigilância como forma de controle sobre os indivíduos. Ele analisa os projetos arquitetônicos de hospitais, prisões e escolas para demonstrar que estas estruturas apresentam formatos específicos de forma que um indivíduo, seja ele médico, carcereiro ou diretor possa por meio do olhar manter constante vigilância sobre um determinado grupo de pessoas e chega a conclusão de que a organização dos espaços objetivam alcançar benefícios econômicos e políticos.

É evidente que as questões relativas às técnicas, relações e exercício de poder são bem mais abrangentes em suas reflexões, pois, por exemplo, ao falar sobre as arquiteturas institucionais ele afirma que trabalhar tal problemática exigiria fazer uma “história dos espaços” (2007, p. 212), algo que demandaria bem mais tempo para ser trabalhado. Desse modo, atemo-nos à noção de micro-poder já explicitada acima.

Por fim, essas reflexões são de grande relevância em nosso trabalho, pois compreendemos que as relações de micro-poderes são constantes no discurso midiático analisado e que o sujeito enunciador se utiliza de diversas estratégias em benefício próprio.

4. ANÁLISE DE O CANDIDATO DO POBRES:

A análise proposta é feita a partir de quatro sequências enunciativas extraídas do artigo “O candidato dos pobres - Lula volta a subir nas pesquisas, mas fica dependente do eleitor mais humilde do país – e num grau jamais visto na história” publicado na Revista Veja, edição 1.943 em 15 de fevereiro de 2006 e cujo tema principal é a busca do presidente Lula e do Partido dos Trabalhadores em conquistar votos entre o eleitorado mais pobre, uma vez que o mesmo os perdeu na classe média.

Os recortes foram feitos observando nossas hipóteses de pesquisa: na primeira hipótese afirmamos que os enunciados selecionados e materializados no *corpus* inscrevem-se em uma formação ideológica contrária e resistente ao PT e/ou ao presidente Lula e a segunda é a de que o sujeito enunciativo Revista Veja é uma enunciação que nega sempre qualquer sentido que se volte para a melhoria e o bem-estar de classes menos favorecidas ou propostas políticas que se distanciem dos anseios de uma elite.

Segundo Foucault ([1969] 1995) quando uma análise ou pesquisa é realizada tenta-se seguir uma lei de coerência e reduzir ao máximo as contradições. Embora haja na história uma busca pela coerência e sistematização das idéias, a contradição funciona ao longo do discurso, pois o mesmo é histórico e a história ao ser escrita foge dos princípios de sistematicidade, sob o que está visível há as ambiguidades da gramática, a sobrecarga significativa das palavras, que mascaram tanto quanto traduzem (FOUCAULT, [1969] 1995, p. 172). É uma ilusão pensar o discurso como coerente e óbvio, na verdade, a contradição é sua lei de existência. Lembremo-nos de que como a identidade do sujeito é contraditória (cf. HALL, 2006) o seu discurso também será. Destarte, observando a contradição dos discursos, as duas primeiras sequências enunciativas foram dispostas conjuntamente com o intuito de contrastá-las com vistas a evidenciar a contradição discursiva e também para confirmar as hipóteses levantadas.

SE1A

O candidato dos pobres - Lula volta a subir nas pesquisas, mas fica dependente do eleitor mais humilde do país - e num grau jamais visto na história [...] Deu-se pouca atenção, no entanto, ao fato de que o eleitorado de Lula ganhou, nesses meses de escândalo, uma conformação inédita: 85% dos eleitores que hoje desejam a reeleição

do presidente pertencem às camadas mais pobres e menos escolarizadas do país.

SE1B

Talvez por isso o governo esteja quebrando a cabeça para preparar medidas que soem como música aos ouvidos da classe média.

Na sequência 1A o sujeito-enunciador afirma que Lula é o “candidato dos pobres” e que o mesmo fica dependente do eleitor mais humilde do país, se tornando *o candidato mais pobre-dependente da história eleitoral*. No entanto, é afirmado também que a porcentagem de eleitores que ganham até cinco salários mínimos no Brasil representa 82% da população, ou seja, a grande maioria. Desse modo, qualquer candidato para ser eleito dependerá obviamente mais dos pobres do que dos ricos como ocorreu com Fernando Henrique Cardoso. Se o PT por meio de seu candidato já tem um alto índice de aceitação entre a massa pauperizada, conforme demonstrado na SE1A (e 85% não é qualquer percentual, é a maior da história segundo o sujeito-enunciador), ele fica dependente, na verdade, é de um recrudescimento de votos entre os eleitores das classes média e alta e não da baixa, pois entre estes a sua aceitação já é grande.

A contradição funciona nesses fragmentos pois quem depende mais dos pobres para ganhar nesse exato momento de acirrada competição política é o candidato peesedebista José Serra que tinha, segundo pesquisa Datafolha a preferência em seu eleitorado de 49% entre os ricos e 39% entre a classe média, mas somente 33% entre os pobres (contra 85% das intenções de votos petista). Desse modo, quem necessita do aumento de sufrágios entre os eleitores mais humildes do país para ser eleito é Serra e não Lula, contrário ao que afirma o sujeito-enunciador.

Ademais, a contradição é reforçada na SE1B quando se afirma que o governo está em busca de medidas voltadas às classes média e alta com o intuito de conquistar votos dessas camadas sociais. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o sujeito enunciador afirma que o PT é *dependente dos pobres*, ele entra em contradição ao afirmar que o governo está *quebrando a cabeça para preparar medidas que soem como música aos ouvidos da classe média*. Lembremo-nos das palavras de Fernandes (2007a, p. 35-36): “o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes

discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem”. O sujeito afirma que o PT depende dos pobres e busca um maior número de votos entre eles, e que um candidato que tem tão pouca representatividade e aceitação nas classes mais altas dificilmente será eleito, sendo assim o PT também depende e está buscando o sufrágio das classes mais altas o que revela o caráter cambiante e instável da identidade do sujeito (cf. HALL, 2006). Compreendemos que essa dependência da classe baixa conforme postula o sujeito enunciador pode ser explicada pelo fato do partido em questão retomar toda uma memória ligada à classe sindical, fazendo transparecer que ele depende mais dos votos da classe baixa por ter perdido votos entre a classe média. Todavia, para ser eleito o partido fica dependente é de um alavancar de votos nas classes mais altas, à mercê do aumento destes e não daqueles.

Outro aspecto relevante na SE1A é a utilização do lexema *conformação*. “Porque esse enunciado e não outro em seu lugar?” (cf. FOUCAULT, [1969] 1995, p.31). Porque *conformação* e não *confirmação*? O uso dessa palavra em lugar de *confirmação* gera efeitos de sentido: a de que o eleitorado pobre, malgrado todos os escândalos envolvendo o partido em questão *conforma-se* ou aceita Lula como presidente. A posição do sujeito enunciador se revela quando o mesmo faz distinção entre duas classes sociais (a baixa e a média-alta) mantendo sua posição contra a primeira e posicionando-se em favor da segunda. Na verdade, os votos do eleitorado pobre são considerados como os mais atrasados e ignorantes, sendo estes tachados como um grupo de pessoas influenciáveis ao passo que a classe média vota pela *moralidade administrativa, pela ética e pela boa condução da economia*, conforme transcrito na SE2 a seguir:

E por que Lula se tornou o candidato mais pobre-dependente da história eleitoral recente? A explicação deve ser buscada na confluência de dois fatores. Em primeiro lugar, Lula perdeu um pedaço significativo do apoio da classe média, incluindo aí categorias que eram históricos eleitores petistas, como servidores públicos, profissionais liberais, universitários e até sindicalistas – um contingente que não é expressivo do ponto de vista numérico, mas tem forte capacidade de influência. “Esse eleitorado costuma votar pela moralidade administrativa, pela ética, pela boa condução da economia”, diz o cientista político Michel Zaidan, da Universidade Federal de Pernambuco. “Ao falhar na moralidade e na ética, o PT perdeu o grosso desse eleitorado e ficou com os

votos mais atrasados e mais conservadores." O outro dado que explica o novo eleitorado de Lula é o empenho que ele tem dedicado no governo para levar o voto dos mais pobres. O exemplo mais claro é o Bolsa Família, programa que distribui dinheiro mensalmente às famílias carentes. Até a eleição, a previsão é que o projeto atenda entre 11 milhões e 12 milhões de famílias.

Ora, quando o sujeito enunciador declara que o partido falhou na moralidade e na ética e conseqüentemente perdeu *o grosso do eleitorado* pertencente às classes mais elevadas, ele afirma implicitamente que as classes mais baixas ao votarem não levam em consideração a moral e a ética e de um modo explícito que os votos dessa classe são os mais atrasados. Há defesa do lugar onde o sujeito enunciador se encontra, pois como assinalado acima o mesmo se inscreve em formas lexicais determinadas para evidenciar sua tomada de posição, pois lembremo-nos do que Pêcheux ([1975] 1988, p. 160) nos ensina: "as palavras adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem".

Além disso, irrompe na voz do sujeito enunciador outra voz, a de um cientista político, marcando a heterogeneidade mostrada do discurso que sustenta sua posição-sujeito, posição essa contrária à classe baixa e a qualquer projeto petista. Os votos desses eleitores, segundo o sujeito em questão e na sua posição de "verdade", não levam em consideração as falhas éticas e morais do governo. Em outras palavras, o pobre *atrasado* não considera os escândalos e a corrupção em intensa ebulição nesse momento sócio-histórico do país.

Outro aspecto relevante é o tom de negatividade apresentado pelo sujeito enunciador em relação ao partido diante dos projetos que beneficiam a classe baixa, como por exemplo, o Bolsa Família e as reduções tributárias para construção ou financiamento de casas populares.

Os acenos para o eleitor pobre não param. Na semana passada, numa solenidade em Brasília, Lula anunciou um pacote de incentivo à moradia popular, liberando recursos para a casa própria e reduzindo impostos sobre material de construção. O anúncio do pacote, realizado no Palácio do Planalto, foi acompanhado por uma claqué que gritava: "Lula de novo, moradia para o povo!". Estima-se que, com as isenções tributárias, a construção de um "puxadinho", sonho de consumo das parcelas mais humildes da população, possa ficar entre 15% e 25% mais barata. Com uma paisagem social tão precária, é até

saudável que um presidente-candidato seja tão sensível às necessidades dos pobres e se empenhe em contribuir para melhorar-lhes as condições de vida. Pena que, no caso de Lula, suas intenções eleitoreiras sejam tão evidentes, como se pode constatar pela *fanfarra dos anúncios* e pela *cronologia das medidas, calculadamente concentradas no calendário de modo a produzir efeito nas pesquisas num ano eleitoral*. Está dando certo.

O sujeito-enunciador discorre sobre o trabalho petista voltado às classes menos favorecidas, todavia seu procedimento assim se dá mediante certas estratégias. Dito de outro modo, tudo é estrategicamente calculado para dar resultado nas urnas. Como afirma Foucault, sob as palavras outras são ditas, desse modo, sob a ótica de Veja o PT (sob o comando de Lula) age de maneira pensada não para beneficiar os pobres, nem para melhorar suas condições de vida com os programas Bolsa-Escola, Bolsa-Família, entre outros, mas com o intuito de se beneficiar. Os programas do governo podem até ser necessários, mas isso não importa, *é uma pena*, pois só são realizados para *produzir efeito nas pesquisas*. Ao utilizar a expressão *pena que...* se evidencia a negação de tudo o que foi afirmado anteriormente remetendo o leitor unicamente ao fato de que o PT trabalha de tal maneira por causa de suas intenções políticas. As isenções tributárias para construção de casas populares é colocado como sendo uma atitude *até saudável*, todavia a tônica do sujeito é conspurcar o partido, evidenciando sua astúcia eleitoreira⁴.

Ademais, o poder sob a ótica foucaultiana está presente em todos os setores sociais, em todos os discursos sendo que o sujeito ao enunciar utiliza-se de técnicas para benefício próprio, como defesa de sua posição, de sua busca pela “verdade” – sendo esta concepção de verdade pautada em Foucault, também. Destarte, a perspectiva de vitória petista soa como algo extremamente preocupante e arriscado para a economia e até mesmo para a segurança nacional: Lula pode se tornar um novo Hugo Chaves? Na verdade, há referência do partido com outros presidentes ligados ao regime ditatorial-militar, especialmente com a do ex-presidente cubano Fidel Castro. Em edição anterior Lula foi colocado como que aliado, amigo “íntimo” do mesmo. Enunciados que aparecem e que não apenas retomam uma memória como também criam (ou tentam criar) uma imagem específica do presidente-candidato petista.

Mas, se conseguir vencer, com quem governará? Com as ruas, passando por cima do Congresso? "Há um sério risco de um Lula chavista, um líder populista e carismático dizendo que a direita não o deixa governar, que o Congresso é corrupto e defende as elites, promovendo uma verdadeira luta de classes, com consequências graves para a estabilidade econômica e institucional", avalia o filósofo Denis Rosenfield.

A “preocupação” do sujeito-enunciador chama-nos atenção: *Mas, se conseguir vencer, com quem governará? Com as ruas, passando por cima do Congresso?* A metáfora das ruas passando por cima do congresso denota o povo, a classe baixa prevalecendo sobre a classe alta: fato que ao se olhar a história de modo global percebe-se como algo incomum. Como via de regra, percebemos ao observar a história que as malhas do poder se exercem pela classe dominante sobre a classe dominada. A vitória de Lula, ou melhor, sua re-eleição não é apenas a vitória de um partido, mas de um sujeito social oposto a este que dele fala, é a quebra de um paradigma dominante. As ruas, ou melhor, o povo ao apoiar tal candidato está passando por cima do Congresso, da casa legislativa que dita as normas que devem ser obedecidas, mas que segundo Veja não estão, o que é preocupante e pode gerar graves consequências ao país.

Como o poder é exercido por “uns sobre outros” conforme diz Foucault ([1982] 1984, p. 242), sendo que este exercício se dá por meio de práxis discursivas, percebemos isso na materialidade linguística, nos efeitos de negação ligados às propostas de melhoria econômico-social do partido. A análise deste artigo possibilitou-nos pensar nos “efeitos da palavra” e nos “mecanismos mais ou menos complexos de controle” ([1982] 1984, p. 246) exercidos na negação das propostas petistas.

5. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As reflexões sobre identidade e subjetividade são relevantes em nossos estudos porque corroboram para a compreensão de sujeito discursivo sob a perspectiva da AD, sujeito este que é heterogêneo, fragmentado, plural constituído na relação com o outro, no meio-social e é por meio dos seus

discursos que o conhecemos, que sua posição diante do mundo, das pessoas e dos objetos é assinalada. Percebemos também, amiúde, a opacidade dos enunciados e como os sentidos produzidos apontam à construção identitária do sujeito.

Desse modo, tomando como base os recortes enunciativos acima transcritos percebemos algumas tomadas de posição do sujeito-enunciador Revista Veja face ao Partido dos Trabalhadores, o que revela facetas de sua identidade.

DISCOURSE, IDENTITY AND SUBJECTIVITY IN *THE CANDIDATE OF THE POOR*

ABSTRACT

We propose through this article to reflect, *a priori*, about the notion of identity developed from sociological studies, following the reflections of Hall (2006), Bauman (2005), Silva (2007), and Woodward (2007), as well as the notion of subjectivity according to the studies of Foucault (1984; 1992; 1994; 1997 2007), and think about the pertinence of these concepts as complementary of the notion of subject according to the discourse perspective. We will also present a brief reflection about the notion of micro-powers in Foucault whose relevance in Discourse Analysis is due to the power which is constitutive of discourses of the enunciator. Finally, based on the concepts presented here, we will undertake a brief analysis of an article entitled *The Candidate of the Poor* published by Veja Magazine referring to president Lula in the context of the “big monthly allowance”. In this way, we perceive that through cuttings of the enunciations of this magazine, the enunciator(s) use(s) of several techniques as a means of diminishing their referent - president Lula.

Keywords: Discourse. Identity. Subjectivity. Veja Magazine.

NOTAS

¹ Este enunciado faz referência à parte do título da reportagem publicada na revista Veja, edição 1943 de 15/02/2006 que trata da temática “Partido dos Trabalhadores”.

- ² Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia e professor convidado pela Universidade de Uberaba.
- ³ Referimo-nos à Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.
- ⁴ Seria ilusório não considerarmos a existência de intenções eleitoreiras por trás de programas sociais de qualquer partido político, inclusive do governo petista, como o Bolsa Família e Bolsa Escola. Todavia, em momento algum emerge nos textos sob análise qualquer referência a algum benefício social destes programas. Pelo contrário, o apagamento **completo** destes se dá quando se enuncia serem os mesmos uma arma política com o intuito de conquistar votos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline **Entre a Transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidades Enunciativas. Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi in: **Caderno de Estudos Linguísticos**, no. 19 jul/dez 1990. Campinas: Unicamp/IEL, 1990, p. 25-42.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade** Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. Trad. De Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso** reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007a.

_____. **(Re) Tratos Discursivos do Sem-Terra**. Uberlândia: EDUFU, 2007b.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica** – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984, p. 229-249.

_____. A Escrita de Si. In: **O Que é um Autor?** Lisboa: Passagem, 1992. p. 129-160.

_____. As técnicas de si. In: **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. v. IV, p. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Kátia Neves. Disponível em www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault.

_____. Subjetividade e Verdade. In: _____. **Resumo dos Cursos do Collège de France** (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 107-115.

_____. **A Ordem do Discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005b.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GREGOLIM, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos & duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

_____. Identidade: Objeto ainda não identificado? Estudos da Linguagem. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

_____. **A Nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LONARDONI, Marines. O Discurso da ascensão, auge e queda de Antônio Palocci, na ótica das capas de *Veja*. In: NAVARRO, Pedro (org). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, p. 109-128.

MARX, Karl. ENGELS. **Manifesto Comunista**. Disponível em: http://file:///site/livros_gratis/manifesto_comunista.htm. Acesso em 15/12/2008.

MENEZES, William Augusto. **Evento, jogo e virtude nas eleições para presidência do Brasil. 1994/1998**. Fale / UFMG. Tese de Doutorado, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Vozes e Contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony.

Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

POSSENTI, Sírio. *Sobre o discurso*. **Série Estudos**. n. 6. Uberaba: Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979.

_____. Análise do Discurso: Uma complicação do Óbvio ? in : CHAIA, V.

RESENDE, Paulo-Edgar ; ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues de (Orgs). **Análise do Discurso Político : Abordagens**. São Paulo: EDUC, 1993, p. 11-24.

REVEL, Judith. Foucault: conceitos essenciais. Trad. De Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Paulo: Claraluz, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Editora Cultrix, 1971.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – perspectiva dos Estudos Culturais. 7ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.